

# Marginalizados e sem terra, Terena se organizam

“Nós não pode comprar carne, nem pescar, nem plantar. Falta terra. Estamos presos neste chiqueiro”. Essas palavras, de Marcelino Pereira, 75 anos, diácono da Assembléia de Deus do PI Passarinho (117 hectares onde se apertam 1.200 índios), a dois quilômetros da cidade de Miranda, refletem um pouco o drama dos Terena que vivem no Mato Grosso do Sul. Prisões, espancamentos, prostituição, alcoolismo, roubo de crianças, trabalho quase escravo em fazendas, fazem parte da rotina criada pela falta de terra. Sabino Santiago explica como é a situação: “Os brancos dizem que temos muita terra, mas, se formos dividir, não dá um hectare por família”.

Do tronco lingüístico Karib, os Terena são hábeis agricultores e, talvez por causa disso, conseguiram se adaptar e sobreviver à nova realidade imposta pelo branco invasor. Em 1858, calcula-se que existiam 200 mil Terena (gente, pessoa, na língua deles). Atualmente são pouco mais de dez mil aldeados e outros oito mil vivendo em cidades e trabalhando em fazendas como assalariados ou bóias-frias. As roças das pequenas reservas, demarcadas no começo do século

não garantem o sustento de todos. Além disso, há os invasores. A reserva de Cachoeirinha, por exemplo, a 10km de Miranda, tinha 8.000 hectares. Hoje não conta com 2.650. Um dos grandes espoliadores é o ex-governador do Estado, Pedro Pedrossian. Sua fazenda invade mais de 2km de extensão desta reserva.

Os Terena estão espalhados por diversos aldeamentos nos municípios de Miranda, Aquidauana, Nioaque e Sidrolândia, no Mato Grosso do Sul. Há ainda índios deste povo na região de Dourados e também em Araribá, São Paulo. São um subgrupo da grande nação Guaná, que viveu nas terras chaquenhas, desde a época pré-colombiana até o final do século

XVIII, quando mudou para o Brasil, indo habitar a região entre os rios Miranda e Aquidauana.

Até meados do século passado, os Layana, os Echoaladi e os Kinikina-wa, também subgrupos Guaná, desempenharam papel decisivo na economia regional, enquanto os Terena estavam mais isolados e arredios. Foram os primeiros a participar da guerra contra o Paraguai. Só mais tarde, os Terena entraram na luta. Terminado o embate, em 1877, voltaram a instalar-se nos antigos locais e entraram em competição com os criadores de gado que, naquele período, começavam a invadir a região. Os índios perderam a maior parte de suas terras, sendo compelidos a trabalhar para os que delas se apossaram ou a se dispersar. Os três grupos citados acima não escaparam a essa sina. Hoje, restam poucos deles e vivem junto aos Terena ou outros povos no Mato Grosso do Sul.

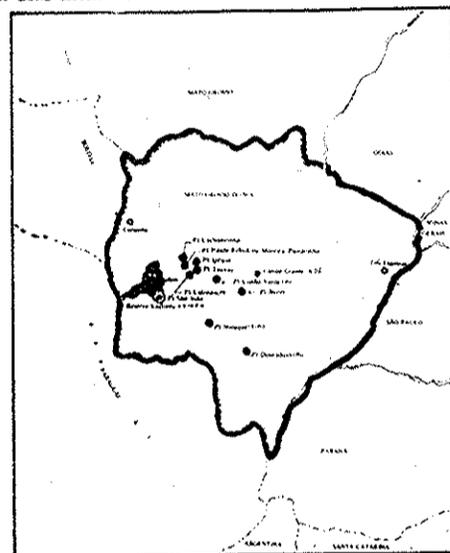
Quase todas as reservas terena foram criadas no início do século, por Rondom, como “recompensa” pelos serviços que prestaram na construção da linha telegráfica de todo o Estado do Mato Grosso. Mas as áreas foram invadidas e hoje 90% dos Terena trabalham fora de suas terras, como bóias-frias ou peões assalariados. As mulheres geralmente trabalham como domésticas, garis ou fazem outros trabalhos do gênero nas cidades.

Segundo informações da Irmã Isalina Pereira, que trabalha na pastoral indigenista em Miranda, somente nessa região há 16 aldeamentos terena, entre os grandes e pequenos. No PI Cachoeirinha há 3.000 índios; no Pilade Rebuá, ou PI Moreira-Passarinho, há 1.200. Já no PI Lalima, onde também há kadiwéu, Layana, Kinikina-wa, Guaikuru e Bororo, vivem quase mil pessoas. Há ainda sítios e fazendas próximas das reservas, onde vivem, nas piores condições, famílias inteiras.

Na região de Aquidauana há onze aldeamentos, englobados em três PIs: Taunay, com quase 5.000 habitantes; Limão Verde, com mais de 800; e Ipegue, com aproximadamente 900 índios. Há ainda Terena nos municípios de Sidrolândia (PI Buriti, com mais de 800 índios) e Nioaque (PI Brejão, com 810 moradores). No PI Dourados e em Caarapó também há Terena.



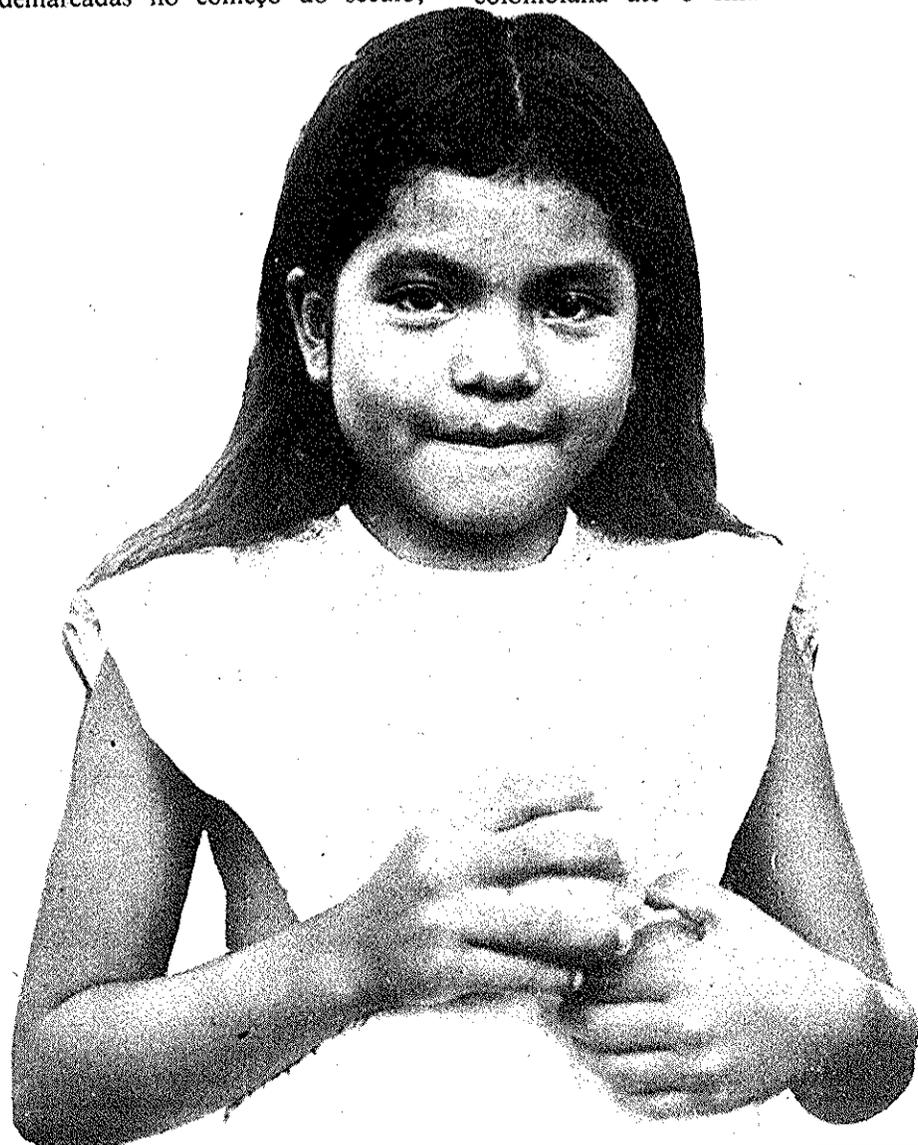
Brincando nas sombras dos mangueirais de Cachoeirinha, as crianças esperam dias melhores



Para os filhos, a esperança.

No PI Araribá, em São Paulo, vivem aproximadamente 200 deles.

Sem terra, sofrendo discriminações, violências e às vezes passando fome. Esta é parte da realidade dos Terena, uma das mais populosas nações indígenas no Brasil. Mas não aceitam esta condição. Reagem, tentam se organizar e combater os males que os atacam, entre eles o alcoolismo, que se acentua nas reservas próximas de cidades. Lutam para reaver suas terras e para influenciar na vida política: querem escolher funcionários do órgão tutor, inclusive o delegado regional.



Fotos: Raílda Herrero